

QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2015. 294 págs.

Sofia Miotto Accorsi¹

Esquecemos que mulheres são mulheres

Nana Queiroz é uma premiada jornalista brasileira, ativista dos direitos das mulheres e fundadora do movimento social: Eu não mereço ser estuprada, que é amplamente conhecido nacional e internacionalmente. Nana desenvolveu seus estudos sobre a mulher no regime carcerário brasileiro a partir de uma demanda pessoal. Engajada em políticas para as mulheres, não encontrou nenhum dado relacionado a realidade da mulher presa, com isso iniciou seu processo de pesquisa a fim de encontrar as razões pelas quais o assunto é tão negligenciado pelos órgãos governamentais e pela sociedade brasileira.

Presos que menstruam é uma obra que retrata a vida de mulheres que foram condenadas pela justiça e fazem parte da realidade dos presídios e penitenciárias femininas brasileiras, que em seu todo somam aproximadamente 28 mil mulheres, vivendo sob condições de negligência e abandono, carecendo de diversos direitos e amparos para sua vivência dentro das instituições, como falta de infraestrutura adequada, higiene e cuidados com a saúde.

A prisão é uma experiência para muitas mulheres no Brasil. Em geral é gente esmagada pela penúria, de áreas urbanas que buscam o tráfico como alternativa de sustento. São, na maioria negras e pardas, mães abandonadas pelo seu companheiro e com ensino fundamental incompleto. (QUEIROZ, 2015, p.62).

Em seu prefácio a autora traz à tona as dificuldades enfrentadas por ela para produzir o conteúdo, uma busca pelos depoimentos de detentas em todas as regiões do Brasil.

¹ Graduanda da Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica (IMECC) . A resenha faz parte do Projeto Supervisionado (MS 777) do IMECC sob a orientação da Professora Nima I. Spigolon, da Faculdade de Educação (FE) da UNICAMP.

Utilizou de muitos artifícios para poder reproduzi-los em sua obra, atribuindo principalmente as dificuldades impostas pelo sistema.

Conta também sobre a proximidade que adquiriu com algumas detentas, chegando a desenvolver laços afetivos com mulheres sofridas que com ela, compartilharam suas histórias.

O livro conta a realidade das detentas brasileiras em sete capítulos não lineares, trazendo as histórias e a trajetória de sete personagens principais: Safira, Gardênia, Júlia, Vera, Camila, Glicéria e Marcela. Falando sobre o envolvimento delas com o crime, a influência exercida por homens para seu envolvimento e como foram negligenciadas de seus direitos e enganadas por suas famílias e companheiros.

Mais do que relatando suas experiências, os capítulos apresentam a personalidade de cada uma dessas mulheres, que contam, à sua maneira, o que é ser mulher na cadeia, com seus abusos, torturas e violência recorrentes, bem como suas relações com a família, maternidade, relações amorosas e afetivas, tratando de temas considerados tabu, como a homossexualidade feminina.

À partir da leitura, percebe-se como as histórias se entrelaçam e a realidade por muito semelhantes, trazem suas motivações e seus atos que as levam ao mundo do crime.

Segundo o ministério da Justiça, entre 2007 e 2012 a criminalidade cresceu 42% entre as mulheres - ritmo superior ao masculino. [...] Os delitos mais comuns entre mulheres são aqueles que podem funcionar como complemento de renda. (QUEIROZ, 2015, p.63).

O ponto inicial dessa narrativa é a violência que as leva a cometer crimes, através da tese apresentada sobre a mulher que se torna provedora da família, sem a equiparação de salários, recorrem ao crime como alternativa de sustento. Apresentando o perfil, da mulher que a pobreza e a miséria provocou o instintivo de traficar, contando com o envolvimento com um homem com quem tinha “parceria” no negócio criminoso.

Outra descoberta interessante: 40% das mulheres eram vítimas de violência doméstica antes de serem encarceradas. Algumas delas, inclusive, eram obrigadas pelo marido a traficar. (QUEIROZ, 2015 p.133).

O envolvimento de homens exploradores, em sua maioria faz parte dos relatos das mulheres retratadas no livro, como mencionado pela personagem Júlia que foi condenada

por um sequestro que não cometeu e foi levada como a responsável pelo crime de seu ex-companheiro.

Outro tema abordado é a falta de infraestrutura dos presídios e penitenciárias, que não são adequados a detentas mulheres e a escassez de cuidados médicos e pré-natal das instituições. As presas grávidas sofrem com o regime do cárcere, segundo relatos elas são isentas de cuidados relacionados a gestação, muitas vezes tendo seus filhos de forma desumana e sem devidas condições para serem cuidados nos primeiros meses de vida, não há pediatras, locais adequados para amamentação e creches.

Carol conta que chegou a ficar desnutrida ao chegar, grávida, à Colmeia. Não conseguia ingerir nada daquela refeição de higiene duvidosa e capricho quase nulo. (QUEIROZ, 2015, p. 90).

Não Havia exames médicos, o kit de higiene era insuficiente. (QUEIROZ, 2015 p.133).

- Não adianta dizer que não tem rato porque elas jogam o lixo no chão, porquê também não existe a coleta daquele lixo. Não tem a higiene na latrina nem educação sobre o tema-. (QUEIROZ, 2015, p.183).

O cheiro forte de urina me embrulha o estômago e temo me livrar do almoço. Quase não há janelas, a umidade é crítica e o calor proibitivo. Cortinas improvisadas de lençóis encardidos tentam garantir a privacidade. A luz é fraca e falha. (QUEIROZ, 2015, p.186).

As crianças que “já nascem presas”, vivem com suas mães em suas celas, que em maioria são escuras, sujas e mal cheirosas. Assim que passa o tempo de amamentação, as mães são separadas de seus filhos, que são entregues a familiares ou a abrigos, e que desde pequenas carregam o estigma de serem filhos do cárcere.

- Não adianta dizer que não tem rato porque elas jogam o lixo no chão, porquê também não existe a coleta daquele lixo. Não tem a higiene na latrina nem educação sobre o tema-. (QUEIROZ, 2015, p.183).

O cheiro forte de urina me embrulha o estômago e temo me livrar do almoço. Quase não há janelas, a umidade é crítica e o calor proibitivo. Cortinas improvisadas de lençóis encardidos tentam garantir a privacidade. A luz é fraca e falha. (QUEIROZ, 2015, p.186).

Dentre os relatos coletados pela autora com as presidiárias, os mais presentes são os abusos e maus-tratos recebidos de policiais e carcereiros, em sua maioria esses profissionais que deveriam trabalhar para garantir a integridade dentro das prisões, trabalham de forma contrária, muitas delas apanham, são colocadas em castigos degradantes, são torturadas, sofrem com a violência física e psicológica.

Esse caso muitas vezes de agrava quanto essas detentas estão em presídios mistos, onde estão sujeitas a abusos sexuais e estupro. Dentre um dos depoimentos dados à autora, uma detenta conta ter passado por uma sessão de tortura, enquanto grávida:

- Gardênia teve uma bolsa pesada atirada sobre a sua barriga. -

- Aiiii!

- Tá reclamando do quê? Isso é só outro vagabundinho que vem vindo ao mundo ai!. (QUEIROZ, 2015 p.71).

“...Quando cheguei a delegacia, apanhei muuuuuuuuuito. A gente ficou separado. O meu irmão mesmo ficou desmaiado que nem um bicho panda, foi pro hospital e tudo. A minha irmã levou choque no bico do peito - é que minha irmã é muito bocadura... Eu, eles colocava com a cabeça na descarga, na privada cheia de xixi.” (QUEIROZ, 2015 p.120).

Não só de relatos ruins e revoltantes esta obra foi construída, a preocupação da autora em apresentar ao leitor a força dessas mulheres está presente em todos os capítulos deste livro, misturados com os depoimentos chocantes, as mulheres contam sobre seus sonhos, suas esperanças, suas ações para quando estiverem fora do cárcere e mostram que por mais que estejam privadas de uma vida comum, a vaidade permanece e é levada a sério, afinal nunca foi tão necessário se mostrar forte e empoderada. Suas relações com o amor, o sexo, o homossexualismo feminino, contribuem para rasgar os depoimentos, entregando a outra face dessas mulheres, completando a construção do olhar da autora sobre essas, mostrando que mesmo negligenciadas pelo governo e instituições e esquecidas pela sociedade essas mulheres merecem e terão suas vozes, enfim ouvidas.